

Os Três Entregadores de Flores

**projeto de Conclusão de curso
em Design Gráfico**

**Relatório
Jackeline Yuko Miyajima**



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Projeto de Conclusão de Curso
Design Gráfico

Jackeline Yuko Miyajima
R.A.: 1030621

Orientação
Profª Drª Fernanda Henriques

Abril 2015

Agradecimento

Quero agradecer a todos que me ajudam a concluir este projeto. Em especial à minha família que sempre me incentivou e apoiou em tudo que fiz até hoje – e que foi grande inspiração para a historinha; a meus amigos Manoel, Fernanda, Liara, Yumi, sempre me ajudando com dicas preciosas; a Ferdi, muito grata por ter aceitado fazer orientação via Skype e por ter me dado liberdade para criar; e meus amigos gatos que me enchiam de carinho quando eu me sentia esgotada.

Obrigada!

Introdução	7	43 O processo
		44. O roteiro
Livro ilustrado	9	47. Personagens
Breve história sobre	10	50. Cenário
livro ilustrado		53. Público alvo
O que é livro ilustrado?	12	Planejamento gráfico
		56. Ilustração
Escrevendo	15	61. Tipografia
Escrevendo para crianças	17	63 O produto
Estruturação de narrativa	20	64. Produto final
		72. Fotos
Referências	23	75 Conclusão
História	24	76 Bibliografia
Ilustração	30	78. Lista de imagens
Análise de similares	36	

Comecei e desisti de vários projetos para TCC. No início pensei em uma HQ, mas acabei descartando devido à complexidade da história e a falta de experiência minha neste tipo de mídia. Logo depois pensei em séries de cartões postais, mas que no fim eu acabava inventando uma história complicada e ficando estranha. Pensei em várias séries de cartões com alguma temática mas nada me agradava a ponto de querer concluir. Porém em todos os projetos descartados existia uma história para contar e percebi que isso era o que queria fazer e que sempre gostei desde pequena.



figura 01. Coleção de livros ilustrados japoneses da minha infância

Quando eu havia acabado de me mudar para o Brasil e não dominava língua portuguesa não tinha muito com o que me divertir, pois não passavam mais na TV meus desenhos animados na língua em que eu entendia, e videogames eram proibidos nos dias de semana. Então eu mergulhava em velhas pilhas de mangás e livros, o que me fez apaixonar ainda mais por eles - e mais tarde a querer eu mesma escrever e ilustrar algumas histórias. Eu acabei jogando fora maioria das histórias antes mesmo de mostrar para alguém porque tinha vergonha, mas mexendo nas minhas coisas velhas achei uma que escapou das minhas mãos, chamado “fumajime na majo”* (A bruxa preguiçosa), uma historinha bem simples contando sobre a bruxinha que não gostava de estudar e só queria se divertir.

Lendo-a depois de já adulta, eu tive a ideia de fazer um livro simples como aquele, com história curta, mas que tivesse começo, meio e fim - já que tinha falhado em escrever uma histó-

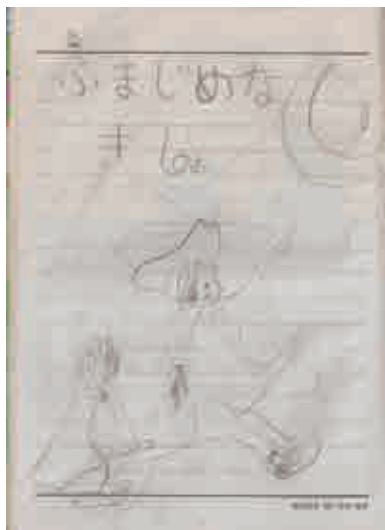


figura 02. Capa da historinha que escrevi quando criança

ria mais longa em forma de HQ. As minhas maiores referências voltaram para aquelas coleções de livros ilustrados que eu adorava na minha infância e que até hoje guardo com muito carinho. Para mim, que nunca fui muito boa em expressar com palavras, principalmente em português, a ilustração foi a melhor forma que encontrei para contar sobre as partes que não conseguia descrever em letras.

Livro ilustrado

✿ Breve história sobre livro ilustrado

Inevitavelmente, a evolução do livro ilustrado caminha sempre junto com a melhoria das técnicas de reprodução gráfica.

Assim, no início não se existiam muitos livros ilustrados (considerando este como sendo livro que privilegiasse as ilustrações) devido à dificuldade em se reproduzir juntamente as imagens e textos. Códex medievais abrigavam imagens, mas eles tinham o foco principal em textos e, portanto, eram livros com imagens. Até século XVIII, se reproduziam textos e figuras juntos utilizando xilogravura, mas pela limitação técnica a maioria dos livros era constituída por um texto principal e relativamente poucas ilustrações.

Em final do século XVIII, a litogravura é desenvolvida por Aloysius Senefelder, uma técnica que facilita a reprodução de figuras juntamente com textos e a partir daí surgiram vários livros ilustrados para crianças, como Monsieur Crépin (senhor Crepin) de Rodolphe Töpffer, La Journée de Mademoiselle Lili (1862) de Lorenz Frölich, “mademoiselle marie san soin” (1867) de Bertall, etc. Nesse período são realizados vários estudos sobre o espaço do livro, em especial as paginas duplas.

No período moderno, surgem vários livros ilustrados infantis que exploram melhor a diagramação, formato, a organização espacial e a maneira como se dispõe vinhetas e textos. Como exemplo, estão

Macao et Cosmage (1919) de Edy-Legrand, Gédepm fait du ski (1938) de Benjamin Rabier, A história de Babar, o pequeno elefante (1931) de Jean de Brunhoff.

Livros ilustrados contemporâneo

Existe uma lacuna nas décadas referentes a época de guerra por causa de diversos fatores como falta de matéria prima, morte de gráficos, editores e ilustradores durante a guerra ou lei da censura de 1949.

Após este período de conflitos, passam a surgir livros ilustrados que não se limitam ao público infantil e jovem, e as imagens rompem-se deliberadamente com a funcionalidade pedagógica.

Como exemplo, são citados Les larmes de crocodile (1956) de André François, uma criação autoral, e projeto editorial dirigido por François Ruy-Vidal e Harlin Quist, descritos a seguir que “Vários artistas participaram do projeto, a coleção reúne a linguagem plástica desses jovens ilustradores com os textos literários de grandes autores.” (LINDEN, 2011)

Também surge uma editora chamada L'école des Louisirs, fundada em 1965, que possuía uma política editorial que incentivava maior exploração de livros ilustrados. Assim surgiram vários livros com diversas expressões inovadoras: livros-fotográficos, com imagens abstratas, livro-imagem, aqueles sem palavras, livro de artistas plásticos, etc.

03. Monsieur Crepin (senhor Crepin) de Rodolphe Topffer

04. La fête de Mademoiselle Lili (1862) de Lorenz Frolich

05. Les larmes de crocodile (1956) de Andre Francois,

06. Macao et Cosmage (1919) de Edy-Legrand

03



04



05



06



✿ O que é livro ilustrado?

Segundo a autora Sophie Van der Linden, nem todos os países possuem termo certo para definir o livro ilustrado infantil e por isso ela faz uma diferenciação para evitar confusão entre outros tipos de livros para crianças, que são citados a seguir:

Livros com ilustração: Obras que apresentam textos acompanhados de ilustrações, ou seja, o texto predomina sobre a imagem;

Primeiras leituras: Denominação rigorosamente editorial, é o meio termo entre o livro ilustrado e o romance. São livros dirigidos especificamente aos leitores em processo.

Livros ilustrados: Livros em que as ilustrações predominam sobre os textos, que podem estar ausente (que no Brasil é chamado de livro-imagem). A narrativa é construída articulando ambas linguagens imagética e verbal.

História em quadrinhos (HQ): Caracteriza-se não pelo uso de balões e quadros, mas pelo uso de imagens “solidárias” que se justapõem em vários níveis.

Livros pop-up: São livros que contêm sistemas em que possibilitam mobilidade dos elementos e até mesmo desdobramento em três dimensões.

Livros-brinquedo: Objetos híbridos que se situa entre brinquedo e livro, que podem conter vários elementos como pelúcias, figuras de plástico, etc.



07



08



09

07. Livro-brinquedo: Une souris verte
[Um rato verde]

08. Livro Pop-up: Alice's adventures in
Wonderland: A pop-up adaptation

09. Livro com ilustração : Les Aventures
d'Alices au pays du merveilleux ailleurs,
ilus. Jong Romano

10. História em quadrinhos:
Petit Vampire de Joann Sfar

11. Livro ilustrado: Gisele de Verre,
de Beatrice Alemagna



10



11

Porém a Linden afirma que o livro ilustrado não é um gênero próprio apenas para público infantil:

“É de observar que, com David Lewis, que o livro ilustrado pode acolher alguns gêneros sem constituir por si só um gênero identificável: ‘[...]O livro ilustrado não é um gênero [...] O que encontramos no livro ilustrado é um tipo de linguagem que incorpora ou assimila gêneros, tipos de linguagens e tipos de ilustração’*.”

*David Lewis, *Reading Contemporary Picturebooks*. Nova York: Routledge-Falmer, 2001, p.65.

Escrevendo 

“Certa vez, num refeitório de hotel, eu disse em voz um pouco alta demais: “Odeio ameixas secas.” De outra mesa, inesperadamente, ouvi a voz de um menino de seis anos: “Eu também.” A simpatia entre nós foi instantânea. Nem eu nem ele achamos aquilo engraçado. Ambos sabíamos que as ameixas secas são ruins demais para serem engraçadas. É esse o encontro adequado entre o homem e a criança como personalidades independentes.”

C.S. Lewis – Três maneiras de escrever para crianças

Segundo o C.S.Lewis, autor do consagrado livro infantil “As Crônicas de Narnia”, há três maneiras de escrever sendo uma considerada ruim e outras duas, boas:

Primeira, a ruim, consiste em escrever procurando dar às crianças o que elas mais gostam, tratando o seu público como sendo especial e por isso bastando descobrir o que ele quer e lhe oferecer exatamente isso. Segundo o Lewis, esta maneira não é considerada boa, pois “não seria possível assim, frente a frente, entreter a criança com coisas calculadas para agradar a ela mas que o próprio autor visse com indiferença ou desprezo.”

Segunda maneira pode parecer semelhante com a primeira pelo fato de estar destinado a determinado público e procurar dar o que ele quer, mas difere pelo fato de focar em uma pessoa concreta, em uma criança específica. Adotando este método, segundo o autor:

“Quem estiver contando se tornaria um pouquinho diferente por estar falando com uma criança, e a criança se tornaria um pouquinho diferente por estar ouvindo as palavras de um adulto. Nesses casos, cria-se um acordo, uma composição de personalidades, da qual surge a história.”

Exemplos citados de quem se utilizam deste recurso são: Tolkien,

Lewis Carroll, Kenneth Grahame.

A terceira e última, que o Lewis afirma como sendo a única maneira da qual ele sabe escrever, consiste em escrever uma história infantil por ela ser a linguagem artística que o escritor consegue expressar com maior potencialidade. Um exemplo citado de escritor que se utiliza deste modo é o Arthur Mee, que não pretendiam escrever para as crianças, no entanto estes leitores se identificaram com sua obra.

Ainda no mesmo artigo, Lewis aponta para tendência moderna de desprezar o gênero infantil comparado as literaturas voltadas para adultos. Mesmo preconceito aplica-se ao gênero fantástico por existir a crença de que a fantasia é própria para crianças. Porém esta distinção é equivoco pelo fato de que na realidade acontece de algumas crianças não apreciarem este tipo de gênero, tanto livros voltados para publico infantil quanto histórias fantásticas, como também o oposto, de adultos gostarem de fantasia e literatura infantil. Segundo ele:

“(...) a classificação rígida dos livros segundo faixas etárias, tão caras a nossos editores, tem uma relação muito vaga com os hábitos dos leitores reais. Aqueles que são censurados quando velhos por lerem livros de criança também eram censurados quando crianças por lerem livros escritos para os mais velhos. Nenhum leitor que se preze avança obedientemente de acordo com um cronograma.”

Por fim, ele conclui discorrendo sobre a sua opinião quanto a moral. Para ele, não cabe aos adultos definirem o que a criança moderna gosta ou precisa, pois este tipo de pensamento não levará a boa moral e também soa com uma excessiva superioridade. Lewis acredita que única moral no qual interessa aos leitores é aquela que para quem escreve também é importante. Nas palavras dele, “o que não nos preocupa profundamente não interessará profundamente

a nossos leitores.”, mas o melhor mesmo seria se não tivesse moral nenhuma e deixar que a imagem da história narrada conte por si próprio o que ele tem a dizer, uma moral inventada levará ao lugar comum ou mesmo falso devido a sua superficialidade.

O Yuichi Kimura, escritor japonês de livros infantis, igualmente acredita que algo que não é interessante para adultos não será também para crianças. O que deve ser feito é oferecer a publico infantil algo de igual qualidade que o adulto, mas de maneira mais acessível:

“安っぽいお子様ランチをつくるつもりでつくったら、童話はいいものは書けない。書いているのは大人なのだ。大人のボクが自分の日常の中で、真剣に感動したり発見したりしたもの。それらに正面から取り組んでお話をつくり、最後にそれを子供にもわかるような文字と文を探して表現する。

それは本物のいいステーキを、子供の口に合うように小さく切ってあげるようなものだ。本物のステーキの味をちゃんと子供にも与えるのが、本来の童話だと思う。”*

*“Se tem intenção de escrever histórias como quem faz lanche kids barato, não conseguirá fazer algo bom. Quem escreve é um adulto. Tem que ter em mente que deve partir de algo que um adulto percebeu no seu cotidiano e se emocionou - e transformar isso em palavras e frases que crianças também possam compreender. Escrever uma história infantil é como preparar um bom e verdadeiro filé e cortá-lo em porção menor do tamanho da boca de crianças. Acredito que um conto infantil basicamente é como oferecer a elas o verdadeiro sabor de um filé.” (Tradução nossa)

✿ Estrutura da narrativa:

Sobre a construção da narrativa o Yuusuke Kimura afirma a importância da seguinte estrutura “起・承・承・承・転・結” que pode ser traduzido como:

起 - ki (início)

承 - shô (concepção)

転 - ten (virada)

結 - ketsu (fechamento)

Em literatura comum seria 「起・承・転・結」, mas quando é gênero infantil pode-se repetir a fase 承. A exemplo, pode-se citar contos infantis como Os três porquinhos, O nabo gigante e Momotarô; nos três casos acontece a repetição gradativa que pode ser divertido para crianças.

O que é tema?

Em outro artigo disponível no www.writer-support.com/children, um site administrado por Seven Colours Kikaku que contém várias informações úteis para aspirantes a escritores de livros infantis, foram encontradas algumas dicas para auxiliar na definição da temática.

Segundo o site, o termo “theme”, em japonês significa 中心課題 (temática central) ou 主題 (tema central). Ou seja, pode ser definido como uma mensagem que o autor quer expressar fortemente através da sua obra. “O valor da vida”, “seja piedoso”, “vamos lutar contra bullying” podem ser considerados theme.

Assim, existe uma temática geral e através de motifs expressa-a de forma mais concreta. Motif seriam assuntos utilizados pra construir uma temática. Pode ser também o motivo pelo qual escolhe-se o tema.

Por exemplo, se o tema é “preservar o meio ambiente” pode-se utilizar de motif que representam a natureza, como sapos e lagoa, e assim passar a sua mensagem.

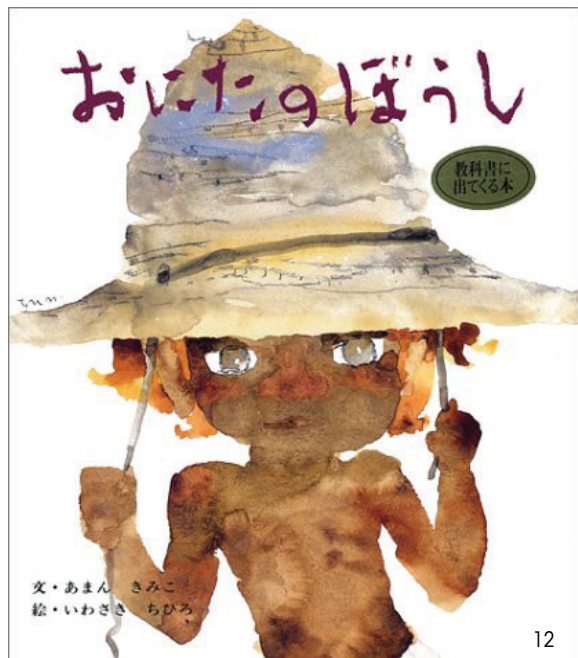
Maneira de expressar o tema

Ainda no mesmo artigo, afirma que deve-se escrever a temática utilizando vários motifs, porém deve se atentar um ponto; não se deve expressar de forma explícita em palavras, pois quando isso acontece a obra se torna sem graça.

Por exemplo, se o tema é “prevenção contra bullying”, em vez de utilizar diretamente a frase “bullying não é bom”, pode-se mostrar o sofrimento do protagonista que levou a praticar bullying, ou tristeza de um amigo que sofreu maus tratos. Podem-se representar as duas crianças que crescem enquanto pessoa e posteriormente se tornam amigos inseparáveis - e assim passar a mensagem indireta de que quando bullying acaba ambos se tornam felizes.

Referências

Foram separados alguns contos nos quais me inspirei para escrever a minha própria história, que são: *nashitori kyodai*, *Onita no boushi*, *Kitsune no okyakusama*



12. Capa –Onita no Boushi

13,14. Ilustração do livro, de Chihiro Iwasaki

**Setsubun*: uma data em que comemoram o início da primavera, normalmente no começo de fevereiro, no qual são feitas rituais para espantar os demônios e maus espíritos. O ritual consiste em espalhar grão de soja no piso da casa e enfeitar a entrada com folha de *Hiiragi*. Normalmente também se come *sekihan*, comida típica japonesa que são feitas em datas comemorativas.

Onita no boushi (chapéu do Onita)

Autora: Kimiko Aman

Em forro do teto uma casa mora o Onita, um *oni* bondoso (*oni* é uma espécie de demônio da mitologia japonesa). Em dia de *setsubun**, o Onita sai da antiga casa a procura de um abrigo novo. Por sorte ele encontra uma casa sem folha de *hiiragi* na entrada - uma planta com folhas pontudas, que acreditam espetar o olho do *oni* e assim não permitir a invasão dessas criaturas. Ele descobre que nessa casa mora uma menina e sua mãe que está doente, que não fizeram o ritual de *setsubun* por estar passando por uma situação financeira difícil. Então o Onita veste um chapéu para esconder seus chifres e se disfarça de ser humano para que assim pudesse entregar o banquete para elas. A menina recebe com alegria, mas logo fica triste porque lembra que não podem fazer o ritual e que invasão de *oni* na poderia piorar a saúde da mãe. O Onita fica triste por seres humanos não acreditarem que existem *onis* bons, mas logo se transforma em grãos de soja para que a menina possa realizar o seu desejo.



Kitsune no okyakusama (as visitas de Raposa)

Autora: Kimiko Aman

Uma raposa faminta encontra com um pintinho magrelo no caminho. A raposa quer devorá-lo, mas pensa melhor e resolve dar abrigo a ele e engordá-lo para depois comer. Assim ele tratou muito bem o pintinho até ficar bem gordo. Um dia o pintinho resolveu passear na floresta e a raposa decide segui-lo por achar que o seu agregado estava planejando fugir. O pintinho encontra no caminho com pato magrelo no caminho, que está procurando abrigo, então ele convida o outro para também morar na casa da raposa bondosa. A raposa que estava escutando pela sombra ficou boba em ser chamada de “bondosa”, recebe o pato muito bem e trata os dois com mais atenção. Novamente, o pintinho e o pato resolvem passear, e a raposa segue os dois. Eles encontram um coelho magrelo que está à procura de um lugar para ficar. Os dois convidam o coelho para ir morar na casa da raposa bondosa como deus. A raposa que estava escutando escondido quase desmaiou ao escutar que era “bondosa como deus”. E então a raposa cuidou dois três com muita bondade como um deus, até os três ficarem bem gordinhos. Um dia veio um lobo gigante e tentou atacar os três agregados. A raposa se encheu de coragem e lutou bravamente com o lobo para defender os três animais. Ela consegue salvar os três, mas acaba morrendo em seu lugar. Então, o pintinho, o pato e o coelho gordos fizeram uma pequena cova e choraram pela morte da raposa bondosa e atenciosa como deus.



15. Capa do livro – Kitsune no okyakusama
16,17, 18,19. Ilustrações do livro, de Eigorō Futamata

Nashitori kyodai (ou yamanashitori)

Conto folclórico japonês

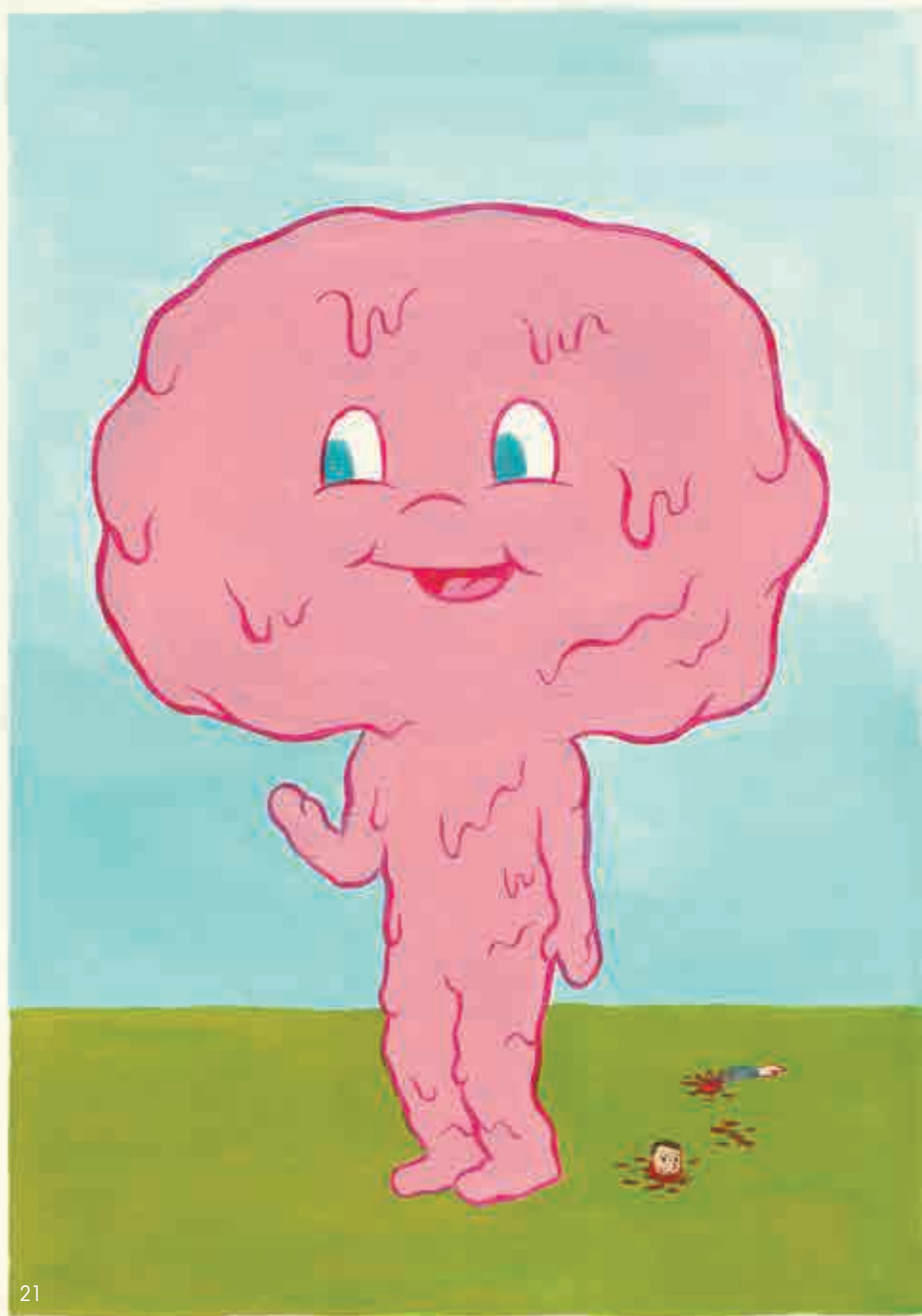
A história se passa na antiga japão, onde moravam a mãe e seus três filhos. A mãe está doente e diz que está com vontade de comer uma pera silvestre, de uma pereira que fica no alto da montanha próxima dali. Então os irmãos vão buscar um de cada vez. No caminho encontram com uma velha que dá conselhos para esses meninos conseguirem apanhar as peras. O mais velho e o do meio acabam sendo devorados pelo peixe gigante que habita no lago perto da pereira, por desobedecer às dicas da velha senhora. O irmão caçula, o mais indefeso, consegue apanhar as peras obedecendo às palavras da velha, e ainda salvar os dois irmãos rasgando a barriga do peixe com uma espada. Retornando para casa, a saúde da mãe logo melhora comendo a pera que os seus filhos trouxeram, e assim a família pode viver feliz para sempre.

Algumas ideias foram emprestadas de cada um desses três contos: do “nashitori kyodai”, a ideia de três pessoas que fazem tentativa para realizar alguma tarefa e no fim o menos provável consegue realizar e salvar os dois primeiros.

E nas duas primeiras, do “Onita no boushi” e “Kitsune no okyakusama” extrai a essência da figura do mal representado. Um difere um pouco de aspecto do outro, pois o Onita já era bom, mas sofre preconceito por ser um demônio; já a raposa era malvada, no entanto por receber elogios e admiração das suas visitas-reféns, ela acaba se transformando em figura de heroína bondosa.



20. Cena de curta metragem
Nashitori Kyodai, um conto
folclórico japonês.



JOAN CORNELLÀ



Ilustrações

Joan cornellà

Cartunista e ilustrador espanhol, famoso por suas tirinhas de humor surreal e negro. O seu traço colorido e alegre é contrastante com o assunto retratado, aumentando mais o choque de seus leitores.

21 a 24. Ilustrações e quadrinhos compartilhados em redes sociais.



Rodney Alan Greenblat

Ilustrador e artista gráfico americano conhecido por seus trabalhos em jogos “Parappa the Rapper” e Um Jammer Lammy. Suas ilustrações tem traço caricato e divertido, com combinações de cores vibrantes.

- 25. Thunder Bunny Nirvana
- 26. The Boo Temple
- 27. Let's Go Fukushima! Artwork for Fukushima Cho TV
- 28. Unidog Transport Service
- 29. Peach Pit Boy





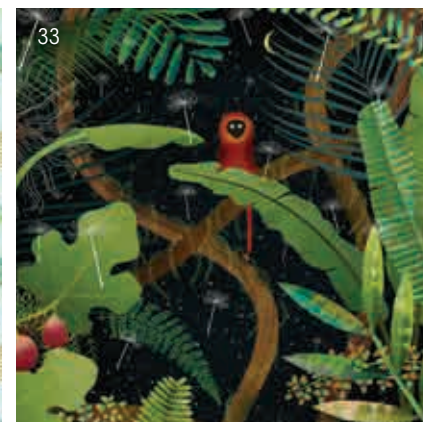
Hvass & Hanniball

Stúdio dinamarquês de Design fundado por Nan Na Hvass e Sofia Hanniball. Abrangem várias áreas relacionadas a arte, desde desenvolvimento de estampas em tecido, arte de capa de CDs e LPs, até ambientação de espaço. A sua arte tendem a abstrato, com cores chamativas e vetor sólido.

30 e 31. Capa do CD "The Creatures in the Garden of Lady Walton" da banda Clogs.

32. Heals—Textile design

33. Ilustração - Time Stood Still



✿ Livros – Análise de similares



Machi no tanuki no present!

Naho Hayashi

Além de ser o meu livro preferido quando criança, ele tem uma característica muito interessante de misturar uma linguagem semelhante à do mangá em sua narrativa.

35. Capa do livro
36,37,38. páginas de 4 a 9





Oodorobou Goochan

Sakana Morino

Possui ilustrações com bastante expressividade, também se utiliza do recurso de arte sequencial e enquadramento fora do convencional que potencializa o impacto do desenho.

38 – Capa do livro
39,40, 41 – páginas de 16 a 21





Aki no tambo no mannaka de

Aotoshi Fujishima

Possui ritmo de narrativa interessante, de alternância de ilustrações que ocupam página dupla e páginas isoladas que aumentam o impacto de cenas chaves do livro.

42 – Capa do livro
43,44, 45 – páginas de 16 a 21



Il processo 

Feito a pesquisa teórica e de referências, o próximo passo foi desenvolver uma trama a ser narrada. Como eu não tinha ideia inicial de uma história, eu fiz uma espécie de brainstorming usando as dicas citadas no capítulo anterior sobre a escrita. Primeiro, anotei várias mensagens que poderiam ser interessantes para serem transmitidas, todas que vieram na mente sem fazer distinção se eram boas ou não. O próximo passo foi escrever o máximo de quantidade de histórias que poderia escrever, tendo como exigência ter já previsto o que aconteceria do começo ao fim. Nesse processo consegui desenvolver por volta de 10 contos curtos e o que mais me agradava foi o escolhido para ser transformado em livro.

A primeira versão do conto era bem diferente do que resultou, com temática sem relação com a atual de floricultura. Várias coisas foram sendo melhoradas ao longo do processo, mas a estrutura básica se manteve a mesma.

Estrutura

A estrutura principal, que foi baseada no conto “Nashitori Kyo-dai”, é de três pessoas executando a mesma tarefa que exige coragem e habilidade. As tentativas começavam com o mais forte para o mais fraco, mas apenas o mais improvável conseguiria terminar o trabalho. O Ari é grande e forte, o Beto é magro, porém rápido – já o Caio tem aparência infantil e não possui nenhuma das habilidades que os dois anteriores possuem – mas é o personagem que vai concluir a tarefa.

Separando em etapas, o enredo foi dividido da seguinte maneira:

起 - ki (início): Introdução de personagem e apresentação do desafio.

承 - shô (desenvolvimento)

1. Tentativa do Ari.

2. Tentativa do Beto.

3. Tentativa do Caio.

転 - ten (virada) Caio consegue concluir a tarefa.

結 - ketsu (fechamento) Conclusão: resolvem o mal entendido.

A partir daí foram acrescentadas outras ideias de como vencer o vilão, que no caso seriam os monstros. O Caio não era forte nem rápido que os dois primeiros, porém ele possuía simpatia e carisma e por isso conseguiu passar pela floresta sem ser pego pelos monstros. O jeito como ele reagiu aos monstros foi a solução para este problema, assim como no caso do conto de “kitsune no okyakusama”, que no fim o vilão se torna personagem bom. Normalmente, monstros já passam a ideia pré-concebida de que são malvados e neste momento lembrei-me do conto de “Onita no Boushi”, em que o demônio era bom e o que ele queria era ser amigo das pessoas. Então pensei que seria mais interessante se os monstros do meu livro também agissem assim. A senhorita Leticia é a personagem quem fecha a história, que na verdade não é nenhuma feiticeira poderosa como o Beto afirma no início, mas uma menina meiga que gosta de fazer amizades e por isso que conseguia viver no meio de monstros. Os monstros poderiam ser bondosos, mas também poderiam ser malvados – assim como pessoas. Se forem tratados de maneira rude claro que iriam responder também com atitude parecida. Essa era a maneira mais natural que eu conseguia enxergar os meus personagens, não conseguia imaginar personagens que faziam o mal por fazer.

A escolha da temática foi feita depois que a configuração básica da história estava formada. Na primeira ideia que foi descartada os

personagens principais seriam carteiros, mas logo depois percebi que ficaria confuso, pois a mesma carta não poderia ser entregue três vezes por ser um objeto único. Pensei em alterar para mensageiros da corte, mas fazendo pesquisas percebi que esses mensageiros, chamados de Town Crier em inglês, eram oficiais que faziam pronunciamento público na época em que a maioria da população era iletrada. Alguns aspectos que entrou em conflito são de que no caso da minha história teria de ser mensagem particular e não publica, e também neste caso, a história teria que passar em uma época mais antiga em que não existiria telefone, mas não teria como o remetente da mensagem saber que a mensagem não foi entregue para mandar o outro oficial. Além do mais, não encontrei artigos mais aprofundados explicando exatamente como era a função do town crier e fiquei com receio de incluir na história algo que eu não conhecesse bem.

A temática final foi definida na época em que minha mãe e eu estávamos visitando muitas floriculturas, tínhamos como hobby novo a jardinagem. Uma parte das plantas era para serem plantadas em jardins, mas outras eram flores arranjadas para dar de presente. Olhando para aquilo pensei que poderia ser legal se os meus personagens entregassem flores, ainda mais porque com essas visitas eu estava conhecendo várias espécies de plantas e seria muito divertido também poder desenhá-las.

Como sugerido por um artigo que dá dicas sobre a temática, procurei não colocar de forma explícita o moral da história, para não soar como bronca ou sermão. As interpretações são subjetivas e cada pessoa entenderá de forma diferente, então seria mais interessante deixar ideias em aberto.

Depois de escrever a história, foi feito um estudo para a criação de personagens. Já tinha o tipo físico em mente e, para fortalecer a imagem que queria passar de cada um dos três personagens principais, eu adicionei características de animais para cada um.

O Ari, que era forte e corpulento, foi baseado em tipo físico de gorila.

O Beto, que era magro, porém rápido, foi baseado na chita, o mais veloz dos animais terrestres.

Já para o caio, como queria um aspecto indefeso e fofinho, foi baseado em Boo, o cachorro da raça Spitz alemão que é chamado de “cachorro mais fofo do mundo”.

A Leticia, que aparece só no final, teria aspecto de uma menina bem feminina e meiga como uma princesinha, uma figura oposta do que o Beto descreve no início.

Para os monstros foram feitos vários rascunhos misturando vários animais como tartaruga, tatu bola, rinoceronte, coruja, cobras, etc. até chegar a um resultado bem híbrido.



Animais que serviram de referência visual: **46.** Gorila **47.** Chita **48.** Boo, spitz alemão



Rascunhos

Estes são rascunhos que mostram a evolução e mudanças feitas no decorrer do caminho.





O universo onde a história se passa é fictícia e como não tem páginas o suficiente para ambientar o espaço e a cidade, o foco maior foi basicamente a floricultura e a floresta onde os personagens partem para a aventura. A ideia de “Floresta de Suculentas” surgiu quando minha vó, que foi a inspiração para a personagem Dona Cida, veio fazer visita em casa e trouxe uma sacola cheia de suculentas de vários tipos.

As Flores da floricultura também foram baseados em plantas que tem em casa e que estamos cultivando.



Elementos do livro que foram inspirados nas plantas da casa.

Público alvo

No começo, não havia definido público alvo. Eu achei que seria muito pretenciosa dizer que é para crianças com idade na faixa de X a Y – primeiro porque não sabia se agradaria mesmo as crianças; e segundo porque eu não tinha conhecimento suficiente para dizer em que idade encaixaria. Só imaginei que crianças poderiam gostar por ser algo que eu teria gostado de ler na minha infância, por simplicidade do texto e ilustração predominante. Não queria também que público rigidamente definido limitasse o processo criativo. Como era trabalho pessoal e não comercial, preferi fazer de uma forma mais livre. Foi assim então que decidi fazer primeiro para depois pedir opinião de alguém que domina sobre o assunto: uma educadora de escola primária. Consultando a professora, ela me disse que o livro se enquadraria melhor para crianças de 6 a 7 anos, idade que está aprendendo a ler e escrever. O texto era simples, mas como tinha muitas palavras poderia não agradar crianças mais novas.

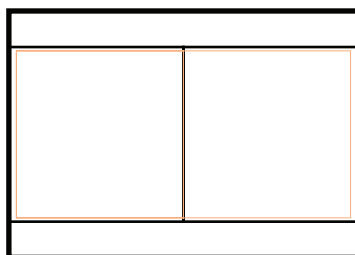
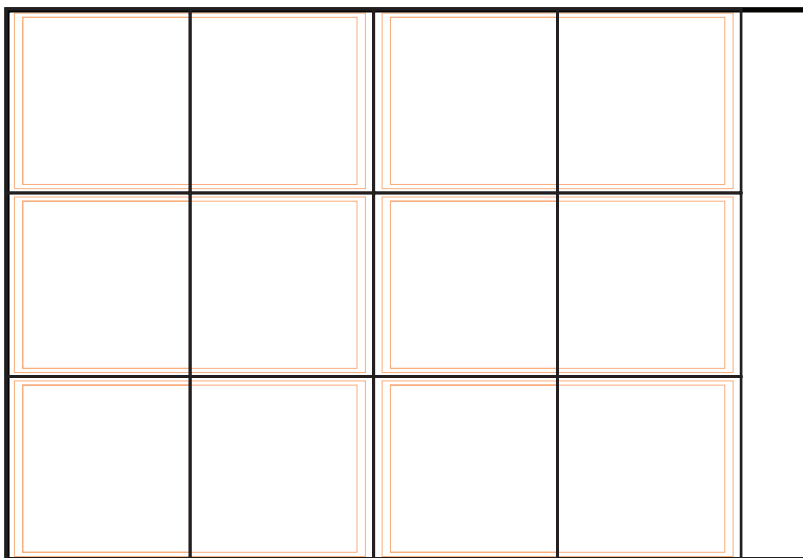
Planejamento gráfico

O formato quadrado foi escolhido para compor as páginas do livro, pois ele orienta o olhar do leitor para a imagem, por implicar uma diagramação que as coloca em evidência, como citado pela Linden (2011)*.

A medida foi estabelecida levando em conta a produção industrial de impressão offset e também a produção em pequena escala feita em gráfica rápida. A medida 20x20cm teria aproveitamento de papel bom tanto para formato 96x66 quanto para A3.

(por imagem de aproveitamento de papel)

A opção por material foi de um papel com gramatura maior, por ser mais resistente ao manuseio das crianças, e também para dar volume bom de miolo. Optei por capa dura também com o mesmo motivo de ser material mais resistente, com aplicação de laminação brilhante para oferecer maior durabilidade.



Acima: Em formato 96x66, divisão de 3x4, gerando 12 páginas de 20x20cm.

Ao lado: Para A3, caberia 2 páginas de 20x20cm.

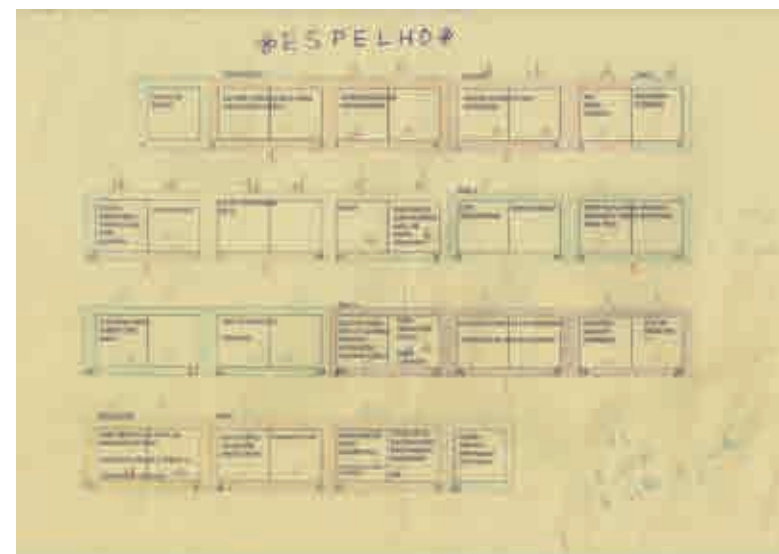
Espelho

Decidido a trama, personagens, formato do livro e a técnica a ser utilizada, o próximo passo a ser seguido foram repartir a história em páginas e criar um ritmo para roteiro. Primeiro criei um espelho apenas com descrição do que aconteceria em cada página.

Rascunho

Feito o espelho, fiz um rascunho rápido em caderno para criar narrativa já pensando em interação de texto e imagem. O roteiro também não estava definido nessa fase, na verdade as ilustrações vieram primeiro e o texto foi adicionado mais como legenda, para poder explicar as partes que só com imagem não ficavam muito claras.

O rascunho em papel definitivo foi feito em ordem aleatória tudo de uma vez para que a variação de traço que poderia ocorrer ao longo do projeto ficasse misturado e assim não ficar tanto em evidencia.



Espelho - foi feita um diagrama para poder visualizar o ritmo da narrativa.

Testando técnicas

Desde o início tinha como intenção ilustrar em técnica analógica, por vários motivos que são de preferência pessoal: Primeiro por não dominar muito bem a técnica digital, segundo por eu ter mais empatia com desenhos feitos à mão- que eram estilo desenhos que eu via quando criança nos meus livros ilustrados. A técnica analógica não traz precisão e imagem limpa como no digital, mesmo digitalizando sempre acaba escapando alguns ruídos como a textura da superfície aplicada, e diferente de desenho em vetor, por exemplo, às vezes acabava tendo falhas na hora da pintura. Porém essas características que podem ser consideradas ruins, eu as considero boas por trazer um toque mais humano.

Optando por desenho analógico, fiz testes com vários materiais que eu dispunha em casa. A escolhida foi pintura em guache em superfície de papel craft, em que a textura do papel dava efeito interessante no desenho. O papel craft pode não ser superfície mais apropriada para técnica úmida como guache, mas ele tem uma absorção boa de líquidos e deu certo. O problema de enrugamento de papel foi resolvido passando ferro quente no verso da folha antes de fazer escaneamento e outros ruídos indesejados foram tiradas com tratamento digital.



A primeira ilustração feita para testar a pintura. Acima, o detalhe da textura da superfície.





Pintura em guache:

1. Rascunho

2. Fundo pintado



3. Detalhes adicionados

4. Por fim, linhas e detalhes pequenos.



Ruídos indesejados e algumas falhas foram corrigidos com Adobe Photoshop CS6; em seguida, contraste e saturação foram ajustados com programa Adobe Photoshop Lightroom 5.6



Foram escolhidas duas fontes diferentes para fazer distinção entre o texto da fala e do narrador, ambas com aspecto divertido que combinasse com o livro.

Para fala

Bubblegum Sans
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890

Para texto do narrador

Poetsen
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890

* Ambas fontes foram adquiridas gratuitamente pelo site fontsquirl.com.

o produto 

✿ Produto final

Abaixo estão todas as páginas em aberto do produto finalizado:

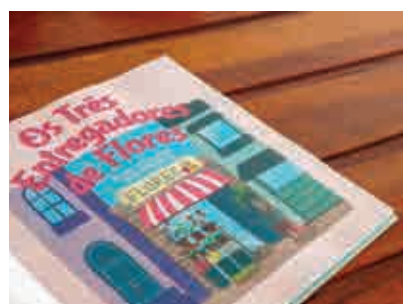








Capa
Cima: frente
Abaixo: o verso



Conclusão

Além de ser um Projeto de Conclusão de Curso, para mim foi uma experiência difícil e agradável ao mesmo tempo. No decorrer do desenvolvimento, pude aplicar vários conhecimentos adquiridos durante a graduação e também conheci novas formas de criar - e principalmente de escrever. Pude perceber através deste projeto que criação de um livro ilustrado infantil não é tarefa fácil porém há muita riqueza dentro da sua simplicidade, de ter que contar histórias em poucas páginas. Futuramente espero poder criar mais livros e aprender mais sobre esta arte de falar através de ilustrações.

Livros

AMAN, Kimiko. **おにたのぼうし [Onita no Boushi]**. In: KINOMOTO, Junji (Org.). 国語 3下 [Kokugo 3ge]. Tokyo: Editora Kyoiku Shuppan, 1999. p. 44 - 53.

_____. **きつねのおきゃくさま [kitsune no okyakusama]**. In: KINOMOTO, Junji (Org.). 国語 2下 [Kokugo 2ge]. Tokyo: Editora Kyoiku Shuppan, 1997. p.30 - 39.

FUJISHIMA, Aotoshi. **あきのたんぼのまんなかで [Aki no tambo no mannaka de]**. Tokyo: Editora Child Honsha, 1995. (Série Ohanashi Child 246)

HAYASHI, Naho. **まちのたぬきのプレゼント! [Machi no tanuki no present!]** Tokyo: Editora Child Honsha, 1996. (Série Ohanashi Child 260)

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia - Volume completo**. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2011.

MORINO, Sakana. **おどろぼうごーちゃん [Oodorobo Gochan]**. Tokyo: Editora Child Honsha, 1998. (Série Ohanashi Child 285)

Sites

“文章術(6)-きむら式 童話のつくり方” **[Bunsho jyutsu 6 - Kimurashiki Douwa no tsukurikata]** Disponível em http://www.mercury.sannet.ne.jp/sakka/writing_arto6.html
Acessado em abril de 2015.

“テーマの設定について” **[Theme no settei ni tsuite]** Disponível em: <http://www.writer-support.com/children/writing03.html>
Acessado em abril de 2015.

“梨とり兄弟” **[Nashitori Kyodai]** Disponível em: <http://nihon.syoukokuai.com/modules/stories/index.php?lid=41>
Acessado em abril 2015.

✿ Lista de imagens

Figura 01 e 02: Arquivo pessoal

Figura 03: http://www.metabunker.dk/wp-content/uploads/pencil_beginning_t.gif (acessado em abril de 2015)

Figura 04: <http://www.le-livre.fr/photos/R16/R160132057.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 05: <http://webzine.iphos.co.kr/Upload/Gallery/2587/15.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 06: <http://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/615/files/2012/11/Fig11.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 07: http://4.bp.blogspot.com/_otpyHVpGtKk/TO5al5TEjwI/AAAAAAAAA-Aow/l6IdzdgCrxc/s1600/sv-04.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 08: <https://betweenthegrinds.files.wordpress.com/2015/03/ss847431.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 09: http://www.images-booknode.com/book_cover/560/full/alice-au-pays-des-merveilles-559769.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 10: http://www.bedetheque.com/media/Planches/PlancheA_52551.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 11: <http://3.bp.blogspot.com/-d7oYVDOKgtQ/VSajGGvvt5I/AAAAAAAAAT-go/-FLncizJuo8/s1600/DSCF3752.JPG> (acessado em abril de 2015)

Figura 12: <http://blog-imgs-51.fc2.com/s/e/o/seosen/20140204141838561.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 13 e 14: Digitalizada do livro AMAN, Kimiko. *おにたのぼうし* [Onita no Boushi]. In: KINOMOTO, Junji (Org.). *国語 3下* [Kokugo 3ge]. Tokyo: Editora Kyoiku Shuppan, 1999. p. 44 - 53.

Figura 15: <http://ecx.images-amazon.com/images/I/81GzmJ15irL.jpg>

Figura 16, 17, 18 e 19: Digitalizada do livro AMAN, Kimiko. *きつねのおきやくさま* [kitsune no okyakusama]. In: KINOMOTO, Junji (Org.). *国語 2下* [Kokugo 2ge]. Tokyo: Editora Kyoiku Shuppan, 1997. p.30 - 39.

Figura 20: http://nihon.syoukoukai.com/uploads/stories/41_1.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 21: http://2.bp.blogspot.com/-FsPEjxwR37o/UQpeoUv_C_I/AAAAAAAAAAyE/UnPvrr2kgso/s1600/hey.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 22: <http://www.dailybest.it/wp-content/uploads/2014/11/Partner.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 23: <http://i.imgur.com/rwykHAQ.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 24: https://pbs.twimg.com/media/B1H__1nCAAETK_3.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 25: <http://www.whimsyload.com/rgallery2/artwork2012/12-01-17.SkyScene.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 26: <http://www.votregrandesoeur.com/wp-content/uploads/2011/11/RAG3.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 27: <http://www.whimsyload.com/rgallery2/artwork2013/13-02-11.Fukushima-Lets.DT.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 28: <http://whimsyload.com/wordpress3/wp-content/uploads/2014/04/UniDogTransport.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 29: <http://www.votregrandesoeur.com/wp-content/uploads/2011/11/RAG1.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 30: http://cdn.shopify.com/s/files/1/0007/6102/products/oEiCkr2XkZcyax-845plY_vcFCnCoELTpBLzwIOL2F54.jpg?v=1425510107 (acessado em abril de 2015)

Figura 31: http://images.cdn.bigcartel.com/bigcartel/product_images/123767817/max_h-1000+max_w-1000/clogs2_web.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 32: <http://hvasshannibal.dk/pics/projects/heals/hvass-hannibal-heals-fabric-1.jpg> (acessado em abril de 2015)

Figura 33: http://images.cdn.bigcartel.com/bigcartel/product_images/137885830/max_h-1000+max_w-1000/hvass-hannibal-timestoodstill-2.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 34,35,36 e 37: Digitalizada do livro. HAYASHI, Naho. *まちのたぬきのプレゼン ト!* [Machi no tanuki no present!] Tokyo: Editora Child Honsha, 1996. (Série Ohanashi Child 260). p.4 - 9.

Figura 38,39,40 e 41: Digitalizada do livro. MORINO, Sakana. *おodorobou ごーちゃん* [Oodorobo Gochan]. Tokyo: Editora Child Honsha, 1998. (Série Ohanashi Child 285). P. 16 - 21.

Figura 42,43,44 e 45: Digitalizada do livro. FUJISHIMA, Aotoshi. *あきのたんぼのまんなかで* [Aki no tambo no mannaka de]. Tokyo: Editora Child Honsha, 1995. (Série Ohanashi Child 246). P. 16 - 21.

Figura 46: https://farm4.staticflickr.com/3346/3545095085_a37d2fc586_b.jpg (acessado em abril de 2015)

Figura 47: http://media.zenfs.com/en_us/News/Reuters/2014-10-02T184906Z_526623319_TM3EAA2150Vo1_RTRMADP_3_SCIENCE-CHEETAH.JPG (acessado em abril de 2015)

Figura 48: <http://canal411.com/wp-content/uploads/2014/07/FOTOS-Los-cachorros-m%C3%A1s-tiernos-del-universo15.jpg> (acessado em abril de 2015)

